

Nos EUA, agricultores sem opção

A partir de relatórios iniciais, divulgados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), havia a expectativa de que a área plantada com transgênicos sofresse uma redução. Em abril, o USDA divulgou suas previsões para a safra de 2001. Os números apresentados indicam um considerável aumento na área plantada com transgênicos, mesmo com todos os prejuízos causados pela comercialização e industrialização do milho StarLink.

A explicação para este fenômeno foi dada por organizações americanas envolvidas com o movimento antitransgênicos e de professores-pesquisadores americanos envolvidos com a questão: não há sementes convencionais de qualidade no mercado. O que as companhias de sementes produziram é que será vendido. Ou seja, muitos agricultores terão que comprar sementes transgênicas mesmo que não queiram. É a dependência total dos agricultores, resultado da oligopolização das indústrias de sementes que hoje são as mesmas que produzem os agrotóxicos. O agricultor que está inserido no contexto da agricultura industrial não tem por onde escapar.

Exportações de milho e soja não-transgênicos batem recorde

Até o final de junho, o Brasil deverá exportar mais de 2,5 milhões de toneladas de milho. Esta excelente marca deve-se a vários fatores: preços internos baixos, dólar em alta e grande excedente de produção. Mas a grande vantagem competitiva do Brasil é produzir um milho sem a presença de transgênicos, especialmente porque no mundo inteiro cresce a rejeição ao milho StarLink. Este milho pode provocar reações alérgicas nos seres humanos.

Também a soja e alimentos à base de soja estão tendo um expressivo aumento nas quantidades exportadas, pois o porto de Paranaguá realiza testes para comprovar que toda a soja embarcada está livre da presença de organismos geneticamente modificados. Hoje, quem precisa importar milho e soja para consumo humano vem direto ao Brasil.

Agricultor canadense é condenado

Percy Schmeiser é um agricultor canadense que planta canola. Ele utilizou sementes que não eram de propriedade da Monsanto, nem as obteve ilegalmente. Acontece que seus vizinhos cultivam canola transgênica e o pólen destas plantas voou para o plantio de Percy. Os genes da canola transgênica da Monsanto invadiram a plantação de Schmeiser sem o seu consentimento. Mesmo assim, a polícia genética da Monsanto colheu amostras das sementes produzidas por Percy e entrou com uma ação na justiça contra o agricultor com o argumento de que este utilizou ilegalmente sementes patenteadas, e cobrou os lucros que o produtor teria tido com a sua produção. Segundo a decisão do juiz canadense, o agricultor terá de pagar cerca de US\$ 85 mil à Monsanto. No Canadá e nos EUA, começam a surgir resistências ao monopólio dos "Gigantes dos Genes", como no Estado de Indiana/EUA, onde o Congresso local publicou um decreto definindo o direito dos agricultores de guardarem suas próprias sementes para replantio.

Itália confisca e cidadãos queimam sementes transgênicas

A Monsanto italiana importou dos EUA mais de 300 toneladas de sementes de soja e milho. O ministro da Agricultura da Itália pediu a apreensão de todas as sementes sob a alegação de que teriam sido modificadas geneticamente. Apesar dos desmentidos da empresa, o porta-voz do ministério, Oliviero Dottorini, confirmou que alguns lotes foram analisados e apresentaram "irregularidades". Um grupo, ainda não identificado, entrou num dos armazéns da empresa e ateou fogo nas sementes que haviam sobrado, já que o governo tinha recolhido 100 toneladas de sementes suspeitas de estarem contaminadas com material genético proibido.

Dispersão de transgênicos na cadeia alimentar é incontrolável

O rótulo "não-transgênico" é uma das tendências mais promissoras no marketing de alimentos nos EUA. Hoje, centenas de produtos vendidos nos supermercados ostentam este rótulo. Mas recente pesquisa encomendada

pelo Wall Street Journal mostrou uma realidade que ameaça o marketing dos produtos não-transgênicos: muitos deles já estão contaminados com material transgênico.

Um grande laboratório testou 20 produtos que continham o rótulo "não-transgênico" ou que não continha ingredientes geneticamente modificados.

O resultado foi que dos 20 produtos testados, 11 continham evidências de material genético usado para modificar plantas e outros cinco continham quantias mais substanciais. O problema, dizem autoridades fiscalizadoras e produtoras, é que algumas lavouras geneticamente modificadas podem polinizar normalmente uma lavoura comum, passando suas características geneticamente modificadas para a próxima geração.

Monsanto fugiu do debate

Em abril, foi realizado em Fortaleza, Ceará, o I Tribunal Popular dos Transgênicos, com a participação de trabalhadores rurais, consumidores urbanos, ambientalistas e cientistas pró e contra os organismos geneticamente modificados, que atuaram como jurados. A empresa Monsanto, responsável pela comercialização de 60% das sementes no Brasil, foi convidada mas recusou-se a participar.

O corpo de jurados formado por 11 pessoas, após amplos debates, decidiu, por maioria absoluta contrariamente, sobre os quesitos: Os transgênicos contribuirão para a solução da fome no Brasil e no mundo? Eles facilitarão o acesso aos alimentos e a segurança alimentar dos mais pobres e beneficiam a agricultura familiar? Existem evidências científicas suficientes para a liberação comercial de variedades transgênicas sem danos para a saúde humana e para o meio ambiente? Existem informações suficientes e disponíveis para que os consumidores e agricultores exerçam seu direito de escolha?

O Tribunal também fez algumas recomendações: que não seja escondido nada das trabalhadoras e trabalhadores sobre os transgênicos, pois estes são os últimos a saber; que se pense no futuro para evitar tragédias e que os cientistas pensem no povo; que os trabalhadores não utilizem os transgênicos e que seja valorizada a agricultura orgâni-

ca; que a imprensa se preocupe mais com os danos que os transgênicos podem causar à vida e à saúde e que os pesquisadores se voltem mais para agricultura orgânica; que a agricultura familiar seja incentivada através de políticas públicas de crédito, assistência técnica e pesquisas adequadas.

Compartilhar o patrimônio genético

No próximo ano, na África do Sul, será realizada a Conferência Rio+10, que terá entre outros objetivos estabelecer um Tratado para Compartilhar o Patrimônio Genético Comum. O documento intitulado "Não aos Direitos de Propriedade Intelectual sobre Nossas Sementes", com a assinatura de 255 organizações de mais de 55 países, conclama todos os negociadores do Grupo de Contato que está negociando o texto do Compromisso Internacional sobre Recursos Genéticos para a Alimentação e a Agricultura, no âmbito da FAO/ONU, a endossarem o acordo que garantirá o livre acesso às sementes dos cultivos mais importantes do mundo, impedindo patentes e direitos de propriedade intelectual. Neste documento, as nações do mundo declaram que o patrimônio genético da Terra, em todas as suas manifestações e formas biológicas, é um patrimônio global que deve ser explorado, compartilhado, protegido e nutrido de maneira conjunta por todos os povos.

Manejo agroflorestal em bananal

Na região de Torres, Rio Grande do Sul, a banana representa o cultivo mais expressivo em área e volume de produção, e é cultivada seguindo um padrão tecnológico insustentável: uso intensivo de agrotóxicos, inadequação do uso do solo, causando erosão e perda de fertilidade, além de sofrer alta incidência de pragas e doenças, decorrentes do manejo agroquímico.

Diante de tais problemas, agricultores em parceria com a equipe técnica do Centro Ecológico Ipê elaboraram uma forma de contornar a situação experimentando práticas de manejo agroflorestal plantio misto de espécies de interesse, arbóreas ou não. O objetivo do manejo adotado é buscar uma forma compatível de exploração do meio com a realidade socioambiental dos agricultores.